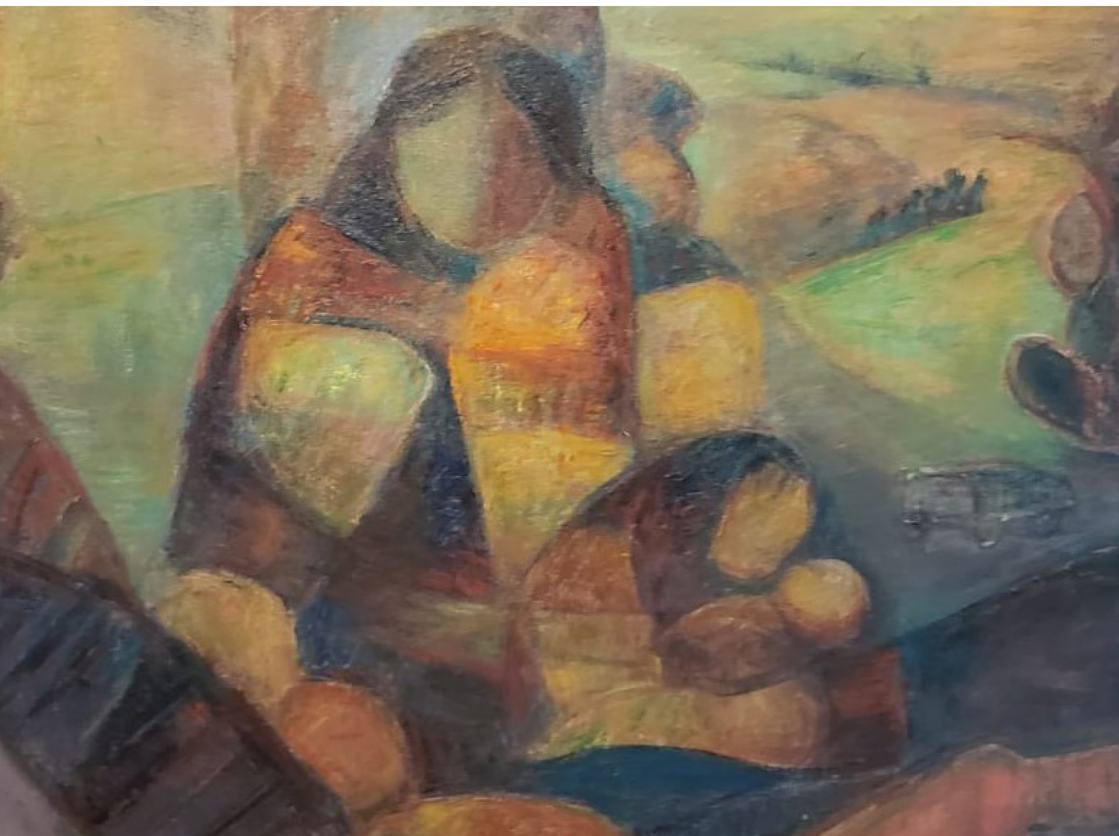




SUBSÍDIOS

10

O LEIGO SCALABRINIANO



Capa: pintura de Felix Barrenechea

SUBSÍDIOS DE FORMAÇÃO PARA LEIGOS 10

O LEIGO SCALABRINIANO

Emanuele Selleri e Marianna Occhiuto

Traduzido do italiano por
Mário Zambiasi, cs

SCALABRINI INTERNATIONAL MIGRATION INSTITUTE

Roma, 2020

METODOLOGIA

1. Momento inicial de reflexão (oração ou canto)

2. Objetivos da Subsídio 10

- O Subsídio visa apresentar de forma concisa as origens, o desenvolvimento e o perfil do leigo scalabriniano.
- Propõe-se sobretudo a solicitar a reflexão sobre oportunidades, dificuldades e perspectivas para o leigo scalabriniano hoje

3. Resumo do Subsídio 9

4. Desenvolvimento do Subsídio

- Breve visão histórica
- Oportunidades para o envolvimento dos leigos
- Rumo a um perfil do leigo scalabriniano
- Quais são as tarefas específicas de um leigo entre os migrantes?
- Quais são as dificuldades que um leigo encontra em seu trabalho com os migrantes?
- Como os leigos podem crescer no seu serviço e entre os migrantes?

4. A partilha final pode ser conduzida respondendo às seguintes perguntas:

- Quais são as razões do meu envolvimento com os leigos scalabrinianos?
- Quais são os aspectos que mais me enriqueceram nesta experiência?
- Que dificuldades encontrei em meu trabalho como leigo scalabriniano?
- Que sugestões posso oferecer para o crescimento do grupo de leigos scalabrinianos?

5. Para refletir

- Pode ser indicada a leitura de textos sobre a realidade local.
- Podem-se exibir alguns filmes temáticos ou vídeos específicos com relativa discussão

6. Avaliação

Preencher o formulário distribuído

7. Conclusão com uma oração ou canto

A questão dos migrantes já atingiu uma capilaridade inimaginável há alguns anos atrás. Se no passado o trabalho no âmbito da mobilidade humana era tema circunscrito, agora se tornou central porque envolve muitos aspectos da sociedade, com a superexposição da mídia que fez da migração um dos temas mais animados de discussão.

Estar no centro da discussão pública fez com que muitas pessoas tivessem contato com o fenômeno migratório e obviamente também com aqueles que se dedicam ao tema. Deste ponto de vista, é exemplar o papel das Organizações Não Governamentais (ONGs), que adotaram a migração como um setor de atenção ou foram criadas para intervir na ajuda e proteção dos migrantes. Por exemplo, na Europa, após o cancelamento da operação Mare Nostrum, começaram a trabalhar no resgate de migrantes no Mediterrâneo. Até então, a maioria das pessoas nem sabia o significado da sigla ONG, muito menos conhecia as ONGs que lidam com migrantes. De um certo ponto de vista, o ocorrido trouxe à tona a questão com seu drama e sensibilizou uma parte da população, mas por outro lado trouxe muita exaltação e preconceito tanto para com os migrantes quanto para com quem toma conta disso.

O mesmo aconteceu no seio da Igreja, onde nunca como nos últimos anos o tema da migração esteve presente na agenda pastoral das dioceses, certamente motivada e instada pela ação incansável do Papa Francisco, que a tornou uma das pedras angulares de seu pontificado. Como na sociedade civil, essa atenção gerou divisões e diversidade de pontos de vista também entre os cristãos. Na Igreja, um papel cada vez mais importante e visível tem sido assumido pelos leigos empenhados em ações caritativas nas paróquias, congregações, missões, etc.

Os migrantes agora se enquadram na categoria de pessoas vulneráveis a quem tentamos dar uma resposta. Se a pastoral dos migrantes sempre foi tarefa dos pastores, as outras necessidades estão agora nas mãos dos leigos cada vez mais profissionalmente preparados.

Entre os serviços de baixo grau oferecidos aos migrantes, existem alguns que também são oferecidos à população local em dificuldade, incluindo:

- Alimentos: cantina, distribuição de alimentos.
- Saúde: clínicas, distribuição de medicamentos.
- Alojamento: busca de casa, famílias de acolhimento, mediação de alojamento.
- trabalho: orientação, avaliação de competências, busca de oportunidades.

Existem também outros serviços mais específicos à população migrante, incluindo:

- Serviço jurídico: pedido de proteção internacional, renovação de autorizações de residência, reagrupamento familiar, etc.
- Alfabetização: cursos de idiomas de vários níveis.
- Integração: esporte, arte, música, tempo livre, tempo de recreação.

1. BREVE VISÃO HISTÓRICA

A atividade laical está presente desde os primórdios da Congregação Scalabriniana. Scalabrini valorizava muito o papel específico dos leigos. “Entendam, portanto, a nobreza e grandeza de sua missão, ó leigos, e assegurem-se de corresponder-lhe dignamente”¹. Para sensibilizar a sociedade italiana para o problema da migração e apoiar iniciativas em favor dos migrantes, fundou comitês e associações de patronato em várias cidades da Itália. Em 1889 fundou a Sociedade do Patronato São Rafael, uma associação de leigos que tinha a missão de assistir, acompanhar e acolher os migrantes italianos nos portos de partida e de chegada e que foi particularmente ativa entre a Itália e os Estados Unidos².

A Federação Católica Italiana (FCI) na Califórnia

Na emigração, o trabalho com os leigos se organizou sobretudo segundo o modelo da Ação Católica ou das organizações laicas locais. Na Califórnia, Luigi Providenza, um emigrante italiano de Chiavari, fundou a Federação Católica Italiana³, que começou em San Francisco em 1924 e ainda está ativa. Era uma organização que funcionava com base paroquial, mas no final dos anos 1950 se criou também uma estrutura missionária, com um pequeno grupo de missionários de várias congregações, encarregados de visitar as seções e pregar as missões. De 1957 a 1970, vários missionários scalabrinianos serviram como missionários na FCI, mas a participação institucional formalizada nunca foi alcançada.

A Federação Católica Italiana (FCI) na Austrália

Para promover o bem-estar religioso, social e cultural dos italianos que emigraram para a Austrália e promover a sua integração, em 1960 os Scalabrinianos fundaram a Federação Católica Italiana⁴ em Fitzroy (Melbourne), também essa nos moldes da Ação Católica. Por um lado, havia a necessidade de não desperdiçar o fruto das missões volantes, através das quais os missionários chegavam uma vez por ano aos migrantes italianos que não tinham serviço religioso em sua língua, e, por outro, a

¹ Entrevista concedida ao diretor da “Itália Colonial”, Gênova, dezembro de 1901.

² Rossi, B. e Sanfilippo, M. Un’opera ben più vasta. Gli inizi della Congregazione Scalabriniana e l’Opera di patronato S. Raffaele [Uma obra bem mais vasta. Os primórdios da Congregação Scalabriniana e Obra de Patronato S. Rafael]. Roma, UCOS-CSER, 2014.

³ Francesconi, M. História da Congregação Scalabriniana, vol VI, 1978, p. 341.

⁴ Francesconi, Ibidem, p. 86.

necessidade de facilitar a participação dos migrantes na sociedade e na Igreja local. A FCI organizou-se em vários grupos, com um congresso bienal e, posteriormente, também com uma secção juvenil. A FCI ainda está ativa e em todos esses anos tem sido um apoio válido para as iniciativas dos missionários.

Apostolado Missionário Scalabriniano na Emigração (AMSE)

Este movimento nasceu em 1956 por iniciativa do Pe. Giovanni Saraggi, com a aprovação do superior geral, Pe. Prevedello. Inicialmente foi denominado Auxiliares das Missões Scalabrinianas para os Emigrantes. Teve o propósito de apoiar os missionários na divulgação do carisma da Congregação e a sensibilidade para com os emigrantes. O movimento foi relançado em 1964 em Piacenza, com o Pe. Luigi Tacconi e o Pe. Sisto Caccia. Grupos de leigos foram formados em várias cidades, geralmente sob a responsabilidade do animador vocacional. Como a Itália ainda era basicamente o país de origem dos migrantes, a atividade direta com os migrantes era feita por meio de visitas a algumas missões na Europa. O movimento tinha seu próprio estatuto, um boletim informativo e momentos formativos no verão. Para responder à alteração da sensibilidade pós-conciliar, o termo “auxiliares” foi retirado do nome em favor do termo “apostolado”, mantendo a mesma sigla. Porém, já no final da década de 1960, o interesse diminuiu e a força motriz se esgotou.

Depois de um período de colaboração pastoral em nível local com os vários movimentos leigos pré- e pós-conciliares, a atenção para uma colaboração mais direta e mais caracterizada com os leigos “scalabrinianos” foi retomada a pedido do Capítulo geral de 1992. A Assembleia dos Superiores Maiores de 1993 confiava ao Secretariado Geral para a Pastoral e a Vida Religiosa a tarefa de promover o surgimento e o desenvolvimento do movimento leigo scalabriniano. O Secretariado, em sua primeira reunião em Nova York em 1994, ditava diretrizes e um plano de trabalho. A partir daí, muitas iniciativas locais se desenvolveram. Praticamente todas as províncias deram origem a grupos de leigos, mais ou menos estruturados (além do FCI na Austrália; havia o grupo Clairfontaine na França, Bélgica, Luxemburgo; grupos ligados ao mundo paroquial na América do Sul; grupos ligados à pastoral operária e dos migrantes na Europa). Foram preparados os primeiros subsídios de formação. Um impulso específico para a atividade dos leigos veio da possibilidade para os jovens de serem voluntários em casas de migrantes na América do Norte.

Algumas reuniões regionais tiveram um impacto significativo no grupo. Entre eles, destaca-se o Encontro Jubilar de Leigos da América Latina, realizado em Guaporé (Brasil) no ano de 2000, que evidencia a importância de aliar formação, organização e missão. Os grupos da América Central e do Norte se reuniram em 2001 em Tijuana para re-

fletir sobre o desafio e a riqueza da diversidade e o impacto das fronteiras na vida das pessoas. As várias iniciativas encontraram o momento de coagulação mais marcante no simpósio internacional organizado em Piacenza em 2005.

Desde então, o aspecto organizacional em nível de congregação passou por dificuldades. As iniciativas locais continuaram. Atenção foi dada à formação dos leigos, em particular com uma série de unidades didáticas, originárias da América do Norte. Reflexões importantes aconteceram em nível de reuniões de secretariado e nos capítulos gerais, mas a reflexão não foi acompanhada por uma agregação considerável de homens e mulheres interessados em trabalhar com os missionários scalabrinianos para os migrantes.

2. OPORTUNIDADES PARA O ENVOLVIMENTO DOS LEIGOS

O desenvolvimento da missão com os migrantes torna-se cada vez mais um espaço de intervenção dos leigos, pois aumenta a procura de promoção humana e a diversidade de expectativas por parte dos migrantes.

Casas do Migrante

Ao longo da história, várias iniciativas têm caracterizado a intervenção dos Scalabrinianos no mundo da Igreja e da migração. Nos últimos 30 anos, provavelmente a mais incisiva e representativa tem sido o serviço das Casas de Migrantes.

Em todo o mundo, as Casas de Migrantes da Congregação Scalabriniana fizeram a história da ação conjunta entre missionários e leigos. O serviço de acolhida de migrantes nas casas, muitas vezes localizadas na fronteira ou nas capitais, deixou um traço típico do papel dos leigos na Congregação.

“A Rede Scalabriniana de Casas de Migrantes oferece a migrantes, refugiados e pessoas deslocadas internamente serviços e programas de defesa de direitos para facilitar sua integração nas comunidades anfitriãs e sua reintegração quando retornam a seus países. Os Centros Scalabrini oferecem alimentação saudável, acomodação em dormitório, chuveiros e banheiros, acesso a telefone e internet, assistência jurídica, incluindo serviços de documentação, programas de treinamento profissional e de colocação. A rede como um todo oferece às pessoas em trânsito a oportunidade de descansar e pegar provisões antes de continuar suas viagens”⁵.

As Casas de Migrantes estão presentes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, República Dominicana, Equador, El Salvador, Guate-

⁵ www.scalabriniani.org

mala, México, Peru, Uruguai, Itália, África do Sul, Filipinas, Indonésia, Taiwan e Vietnã.

Historicamente, o responsável pelas casas dos migrantes sempre foi um missionário, mas nos últimos anos houve uma mudança de tendência e muitos leigos estão apoiando os religiosos e em alguns casos assumindo a responsabilidade direta pela iniciativa.

SIMN e ASCS

No final do século passado, para responder à necessidade de uma presença mais ativa e efetiva no contexto internacional, nasceu a Rede Internacional de Migrações Scalabrini (SIMN), com tarefas de advocacy e representação internacional. Posteriormente, o SIMN também desenvolveu iniciativas de apoio às obras sociais na Congregação.

A Rede Internacional de Migrações Scalabrini (SIMN) é atualmente o órgão da Congregação para o Desenvolvimento. Realiza sua atividade por meio de uma variedade de programas e serviços oferecidos a migrantes, refugiados, pessoas deslocadas, nômades e pessoas em movimento. Em sua estrutura, a maior parte dos profissionais e voluntários é leiga⁶.

No contexto europeu, a Agência Scalabriniana de Cooperação para o Desenvolvimento (ASCS) nasceu no início de 2000 como braço operacional da Congregação para desenvolver os projetos sociais dos Missionários Scalabrinianos. A ASCS criou um modelo de formação para o voluntariado e a cooperação internacional e muitos jovens se prepararam passando vários meses ou anos de suas vidas a serviço dos migrantes e refugiados em todo o mundo. Nos últimos anos, como a Itália é cada vez mais uma terra de missão, muitas pessoas se colocam à disposição para acompanhar a ação scalabriniana.

O Mundo Juvenil

Além dos diversos serviços de assistência à população migrante, existem atividades oferecidas pelos Scalabrinianos e voltadas sobretudo ao mundo juvenil para sensibilizá-lo ao fenômeno migratório. Particularmente animados são os grupos de jovens na América Latina, especialmente no Brasil.

Na Itália, há muitos anos, os jovens se encontram no verão nas lavou-ras com o programa Io ci Sto⁷. Trata-se de uma experiência realizada pela Via Scalabrini 3⁸, um programa da ASCS de Animação Intercultural Juvenil, através do qual os jovens são introduzidos ao fenômeno migratório com um olhar especial para os migrantes sazonais, envolvendo-se numa experiência de serviço, encontro e partilha entre voluntários, migrantes trabalhadores e a comunidade local da província de Foggia.

⁶ www.simn-global.org

⁷ www.campoicisto.org

⁸ www.viascalabrini3.org

3. RUMO A UM PERFIL DO LEIGO SCALABRINIANO

As diferentes experiências de evolução dos leigos scalabrinianos, a variedade de oportunidades de envolvimento no trabalho com os migrantes e a diferença de perspectivas em vários contextos tornam difícil traçar um perfil preciso da identidade dos leigos scalabrinianos. A ASM de 1993 especificou que “o leigo scalabriniano deve ser entendido como aquele que, tendo tomado consciência de sua vocação batismal, pretende realizá-la comprometendo-se, segundo o espírito e o carisma scalabriniano, ao serviço dos migrantes”. Em 2012, tentou-se traçar um perfil mais específico, fornecendo uma nomenclatura ampla da figura do leigo scalabriniano, que distinguia os vários tipos a partir da possibilidade e da disponibilidade de se envolver na missão com os migrantes.

Em primeiro lugar, há os *colaboradores*, que desempenham uma função ativa nas várias estruturas em que trabalham os missionários scalabrinianos, como paróquias, missões ou casas para migrantes, sem fazer parte de uma forma específica de agregação. Esta é a colaboração local e limitada a um ambiente específico.

Também há *voluntários* que entraram em contato com o mundo scalabriniano, são apaixonados por seu compromisso com os migrantes e pretendem dedicar parte de seu tempo a isso. Trata-se de escolhas específicas, geralmente por um curto período, e que não resulta numa agregação formal.

Em um sentido mais específico, os leigos scalabrinianos são aqueles que pretendem fazer parte do *movimento laical* e, portanto, estão disponíveis para um caminho de formação e agregação formal, com um compromisso de participação que se estende no tempo. Distinguem-se de colaboradores e voluntários, não só pelo percurso formativo, mas também pela especificidade da escolha e duração do compromisso

4. QUAIS SÃO AS TAREFAS ESPECÍFICAS DE UM LEIGO ENTRE OS MIGRANTES?

No caminho de acompanhamento dos migrantes, o papel que os leigos desempenham é de apoio e complementação ao dos religiosos. Se por um lado os religiosos se ocupam principalmente, mas não exclusivamente, dos aspectos mais estreitamente ligados à espiritualidade, acompanhando os migrantes também em seu caminho de fé, os leigos, por outro lado, têm tarefas mais estritamente ligadas aos aspectos práticos da vida cotidiana.

O fenômeno migratório mudou de cara e, se antes os beneficiários da ação social e pastoral eram os migrantes católicos, agora o serviço é global e muitas vezes nos encontramos servindo pessoas de outras religiões, onde o acompanhamento espiritual não pode ser realizado por missionários e deve ser complementado por outro tipo de acompanhamento, que, na maioria dos casos, é feito pelos leigos.

Nos últimos anos, a missão do leigo está entrando em uma fase crucial, que até poucos anos atrás dificilmente ocorria. O leigo é parte integrante do processo de reflexão e planejamento e não mais apenas a parte operacional. Essa mudança leva a uma ampliação da reflexão, com muitos outros elementos a serem considerados. Há uma fusão entre a grande experiência dos Missionários e o profissionalismo dos leigos, que permite intervenções integrais para o bem da pessoa.

Independentemente das tarefas específicas que os leigos possam ter entre os migrantes, é importante enfatizar como este serviço pode ser realizado como voluntário ou como profissional. Essas diferenças residem não apenas na presença ou ausência de uma remuneração econômica, mas também na relativa especificidade do papel que o leigo pode desempenhar. Naturalmente, mesmo um leigo que presta voluntariamente o seu serviço dá um contributo de profissionalismo.

Outra diferença importante está no tempo que um leigo pode dedicar ao serviço dos migrantes. Se for um trabalho de tempo integral, o leigo poderá cumprir funções com maiores responsabilidades e deveres. Caso o leigo possa dedicar um tempo mais curto e limitado, as funções que lhe serão delineadas irão, mais do que tudo, para apoiar a atividade principal.

Como já foi expresso em 1987 pelo Papa São João Paulo II, na Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e Refugiado sobre o tema Leigos católicos e migração, “problemas difíceis estão ligados à migração, como reunificação familiar, trabalho, moradia, escola e segurança social. Os indivíduos e as associações de leigos continuam a colocar à disposição dos emigrantes o seu tempo e a sua profissão (médicos, advogados, professores, etc.)”⁹.

Embora a citação se refira a uma mensagem de vários anos atrás, é importante sublinhar que esses aspectos, funções e tarefas ainda são atuais. Embora o mundo da mobilidade humana esteja em constante evolução, as necessidades e exigências dos migrantes permanecem ainda as mesmas.

Ao examinar os problemas que os migrantes enfrentam, é possível fornecer exemplos concretos das áreas de atuação em que os leigos estão trabalhando. São questões relativas, por exemplo, à procura de moradia, emprego, acesso ao sistema de saúde ou escolar. O leigo age dentro dessa visão geral, realizando várias tarefas relacionadas às áreas administrativa, jurídica, sanitária, secretariado, assistência social, formação e educação.

Às vezes, os próprios migrantes podem assumir um papel ativo na intermediação e prestação de serviços a outros migrantes. Um leigo entre

⁹ Mensagem para o Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados 1987: Leigos católicos e migração: <https://romana.org/5/romano-pontefice/messaggio-per-la-giornata-mondiale-del-migrante-su/>

os migrantes, que ao mesmo tempo é migrante, pode de fato dar uma grande contribuição, sendo porta-voz das mesmas necessidades que os migrantes vivem.

Inspirando-se novamente na Mensagem do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado de 1987, as tarefas dos leigos na emigração se enquadram na “formação de grupos de migrantes com forte cunho espiritual e consciência do compromisso cristão; a formação de pequenas comunidades de fé que se mantêm em contato e trocam experiências; a constituição de conselhos paroquiais compostos por pessoas que vivam a mensagem cristã e gozem da confiança da comunidade. Os primeiros apóstolos imediatos dos emigrantes devem ser os próprios emigrantes”¹⁰.

A Casa Scalabrini 634, programa da ASCS em Roma, constitui uma das primeiras experiências de projetos desenvolvidas e administradas quase inteiramente por leigos. Aqui houve uma experiência concreta de como o acompanhamento de profissionais leigos aumenta e fortalece o aspecto relacional, muitas vezes deixado em segundo plano. A criação de vínculos entre autóctones e migrantes é uma fase fundamental para uma boa integração das pessoas e é uma peculiaridade dos leigos serem protagonistas nesta fase.

Portanto, os leigos trazem consigo uma experiência de vida muito “útil” para o migrante: seu estar presente e atuante na comunidade territorial, seus laços, relações, atividades cotidianas, ajudam o “recém-chegado” a se inserir e começar uma nova vida de cidadão e não como refugiado.

Se no passado os leigos se empenhavam nas atividades da Congregação graças à sua proximidade com os missionários, nos últimos anos as coisas mudaram um pouco. Vemos pessoas de diferentes idades com diferentes características envolvidas no trabalho com migrantes: jovens universitários, aposentados, profissionais de várias procedências. É o carisma que reúne muitas pessoas que, embora não conheçam Scalabrini ou a Congregação, se descobrem tendo pontos em comum e encontram uma nova “família” onde podem dedicar seu tempo. Por exemplo, existem várias pessoas que fazem parte do mundo católico, mas precisam conhecer e se colocar a serviço de um carisma bem definido como o scalabriniano. E há muitas pessoas distantes da Igreja, mas que reconhecem um valor único à família scalabriniana e que, aproximando-se, identificam-se cada vez mais na ação dos missionários scalabrinianos.

5. QUAIS SÃO AS DIFICULDADES QUE UM LEIGO ENCONTRA EM SEU TRABALHO COM OS MIGRANTES?

As dificuldades que um leigo encontra no seu trabalho cotidiano com os migrantes podem ser analisadas e avaliadas a partir de dois pontos de vista distintos: o interno, no trabalho direto com os migrantes, e o exter-

¹⁰ Idem

no especialmente em relação à sociedade, aos empregadores, ao acesso a serviços, para os quais os leigos frequentemente atuam como intermediários com os próprios migrantes.

Internamente, relacionar-se com pessoas de outras culturas, religiões e línguas pode causar um choque inicial. A diversidade pode ser uma riqueza, mas à primeira vista cria medo e a possibilidade de conflito.

Planejar, programar, projetar em favor dos migrantes e refugiados é muito complexo sob vários pontos de vista. Muitas vezes a nossa ideia de futuro e de construção do bem-estar está em contradição com a das pessoas em movimento e isso pode causar frustração e decepção.

É difícil se colocar no lugar de quem teve que deixar sua pátria de forma forçada, e mais difícil ainda é imaginar o futuro. Isso causa mal-entendidos, afastamentos e distâncias que às vezes se tornam difíceis de transpor.

O confronto entre leigos e missionários, aliado a um acompanhamento constante, pode ser um instrumento válido de sensibilização e avaliação das dificuldades que se enfrentam, de modo a poder traçar estratégias úteis para as superar.

Do ponto de vista externo, por outro lado, se considerarmos os leigos como aqueles que facilitam a participação dos migrantes na vida da comunidade, que permitem o acesso a serviços básicos como assistência social, sanitária, educação, moradia e trabalho, deparamo-nos com outro tipo de dificuldades¹¹. Essas estão principalmente ligadas e correlacionadas à falta de informação ou preconceitos que, muitas vezes, residem na comunidade de referência. Por exemplo, um leigo envolvido no apoio à procura de habitação para um migrante pode se deparar com uma recusa, por preconceitos, apesar do migrante ter todas as credenciais para alugar aquela casa. São experiências de injustiça que os migrantes enfrentam e que geram frustração e impotência no leigo comprometido com eles.

Para responder às inúmeras injustiças que os leigos podem testemunhar no seu papel de “facilitadores” e no seu trabalho quotidiano com os migrantes, a sensibilização da comunidade local assume um carácter fundamental. Esta sensibilização consiste em dar informações corretas sobre a realidade migratória, em criar oportunidades de encontro em que os preconceitos possam diminuir, em cultivar uma atmosfera de ordinariade, de que participam os migrantes. Para fazer frente a essas possíveis dificuldades externas, a formação, o confronto e o monitoramento mencionados acima são fundamentais.

¹¹ Parolin, G. *Post Conciliar Church and Migrations*. Publicação da Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2010.

6. COMO OS LEIGOS PODEM CRESCER NO SEU SERVIÇO E ENTRE OS MIGRANTES?

Para crescer no seu serviço aos migrantes, é essencial que os leigos tenham a oportunidade de participar de momentos de formação e de confronto, tanto do ponto de vista religioso, quanto técnico e profissional.

No primeiro caso, o papel do sacerdote é útil para estruturar e criar um caminho de formação para aprofundar aqueles valores cristãos que impulsionam os leigos a oferecer o seu serviço na Igreja. Este tipo de formação deve ser “compreendida não tanto como simples transmissão de ideias e de conceitos, mas sobretudo como ajuda, naturalmente também intelectual, em vista de um autêntico testemunho de vida cristã”¹². O compromisso e o papel da Igreja ao acompanhar os leigos favorecem o crescimento dos valores cristãos pelos quais os próprios grupos de leigos são frequentemente animados.

Considerando, ao invés, os aspectos mais relacionados à área administrativa, jurídica, de assistência social, é importante que os leigos participem, de acordo com sua função, em momentos formativos planejados que possam acrescer o seu conhecimento do mundo da mobilidade humana e adquirir competências específicas. Em primeiro lugar, trata-se de possuir uma terminologia, competência e conhecimentos básicos que permitam ao leigo estar em sintonia com a compreensão da realidade migratória, suas facetas e as diferentes perspectivas sobre ela. Além da formação básica, também são necessárias habilidades específicas que permitam ao leigo adaptar sua preparação profissional ao mundo da migração. Se, por exemplo, pensarmos nos aspectos jurídicos, é importante que, com a publicação de novas leis, emendas ou inclusões, os leigos possam participar de treinamentos específicos para obterem conhecimentos básicos sobre a nova legislação.

Para que o seu serviço seja verdadeiramente eficaz, é também imprescindível prever momentos de acompanhamento e verificação, criar espaços nos quais se possa discutir as diferentes funções, realinhando os objetivos e tendo sempre presente os destinatários finais do serviço: os migrantes.

¹² Erga Migrantes Caritas Christi, 88.

